

ESVAZIAMENTO DO ATELIER DE PROJETO - O FLUIDO VITAL E O AVATAR

Uma visão filosófica das novas práticas de ensino de arquitetura.

COLLADO, TANYA ARGENTINA CANO.

Arquiteta e Urbanista. Mestre em Arquitetura PROARQ – FAU – UFRJ. Pesquisadora Docente da Universidade Estácio de Sá e da Universidade Gama Filho. tanjaarq@gmail.com

Palavras Chaves: Ensino de projeto, Filosofia, Pedagogia transformativa.

Resumo:

O fim do atelier de arquitetura, como conhecido e exercido será a adequação ao novo paradigma tempo-espaço. A nova correlação tempo–espaço estudado pelos filósofos contemporâneos esta delimitada pela ausência de parâmetros do tempo e a extrema parametrização do espaço. O antigo tempo-espaço presente no âmago do processo projetual, antecipação/ inovação/ pré-ação/ ação; imprimiu até agora uma concepção ritualística do processo projetual, não mais possível nos novos paradigmas de construção de conhecimento. O tempo e o espaço não mais discutem não mais se relacionam; hierarquia, complementaridade, proporcionalidade nenhum destes princípios de relação biunívoca podem ser atribuídos aos dois, eles sequer coexistem. “Tempo” e “espaço” não fazem sentido na nova concepção de mundo foram substituídos por “transformação” (tempo no sentido “estado”) e “conexão” (espaço no sentido vínculo, lugar). Como arrolar estes novos paradigmas na construção do “nosso conhecimento” de acadêmicos sobre processo projetual, para poder comunicar-nos com as novas gerações?

Resumen:

El fin del taller de arquitectura como lo conocemos hoy se dará al adecuarlo al nuevo paradigma tiempo-espacio. La nueva correlación tempo-espacio, a como estudiado por los filósofos contemporâneos está demarcada por la ausencia de parâmetros del tiempo y por la extrema parametrización del espacio. El antiguo concepto de tempo y espacio presente em el seno del proceso de proyecto; antcipación/ inovación/ pre-acción /acción, nos trajo hasta hoy una concepción ritualística del processo del proyecto, que no es mas posible em los nuevos paradigmas de la construcción del conocimiento . El tiempo y el espacio no discuten más, no se relacionan; Jerarquia complementariedade, prporcionalidad ninguno de estos principios de relación biuniboca pueden ser atribuídos a los dos, además ellos ni siquiera coexisten más. Tiempo y espacio no hacen mas sentido en la nueva concepción de mundo; fueron substituidos por “transformación” (tiempo em el sentido de estado) y conección (espacio em el sentido de

vínculo, lugar). ¿Como encajar estos nuevos paradigmas en la construcción de nuestro conocimiento académico referente al proceso de proyecto para poder comunicarnos con las futuras generaciones?.

Abstract

The end of the studio of architecture, as known and exercised, will be the adaptation to new time-space paradigm. The new time-space correlation studied by contemporary philosophers is marked by the absence of extreme weather parameters and parameter space. The old time-space at the core of the design process, advance / innovation / pre-action / action, so far a design printed ritualistic design process, no longer possible in the new paradigms of knowledge construction. Time and space no longer argue not most closely related; hierarchy, complementarity, none of these proportionality principles of two-way relationship can be attributed to two, they even coexist. "Time" and "space" does not make sense in the new conception of the world were replaced by "transformation" (the time in order "state") and "connection" (space in order link, place). How to enroll these new paradigms in the construction of "our knowledge" of scholars on design process, in order to communicate with the younger generation?

I. Introdução.

O esvaziamento físico e conceitual do atelier de arquitetura como conhecido hoje, provém da necessidade de adequação ao novo paradigma tempo-espço. A nova correlação tempo – espço estudado pelos filósofos contemporâneos Morin, Santos Boaventura, (dentre outros) esta delineada por: (1) A ausência de parâmetros do tempo e a (2) extrema parametrização do espço. Enquanto o tempo é relativizado ao extremo (portanto desejado, hipervalorizado) o espço é delimitado dimensionado localizado ao extremo milimétrico (portanto relativizado seu valor).

A antiga relação tempo-espço presente no âmago do processo projetual, antecipação/ inovação/ pré-ação/ ação; imprime e imprimiu até agora uma concepção ritualística do processo projetual, que não é mais possível nos novos paradigmas de construção de conhecimento. Insistir no ensino desta prática projetual de Atelier vertical e ritualística (COMAS 1986), nós equipara ao momento histórico em que o romantismo da Beaux Arts não vislumbrou as possibilidades das novas tecnologias construtivas e suas implicações para o processo projetual insistindo no seu método compositivo.

Vale a pena desviar-nos (mesmo que perigosamente) ao centro das discussões da atualidade:

(1) sustentabilidade *low tech* ou *high tech*;

(2) o distanciamento da arquitetura conceitual das tecnologias;

(3) criatividade conceptual *versus* necessidades executivas/custos.

Discussões que tem em comum a sentença da reprovação às práticas construtivas exploratórias e conseqüentemente aos métodos tradicionais de projeto, assim como uma crítica direta ao corpo teórico das práticas de ensino de projeto que estão em vigor, considerando-as ultrapassadas e vazias de elementos para uma estrutura holística.

Não vivemos por acaso um momento de revisão de paradigmas e desmascaramento de dogmas com boas intenções?

Segundo Morin:

“Ao determinismo de paradigmas e modelos explicativos associa-se o determinismo de convicções e crenças que, quando reinam em uma sociedade impõem a todos e a cada um a força imperativa do sagrado, a forma normalizadora do dogma, a força proibitiva do tabu. As doutrinas ideológicas dominantes dispõem, igualmente, da força imperativa que traz a evidência aos convencidos e da força coercitiva que suscita o medo inibidor nos outros”. (MORIN 2001 p 27)

Para além da crítica, novas fronteiras são desenhadas para o futuro da concepção de mundo e da construção de um mundo, através da educação e imersa neste contexto o ensino de arquitetura tem sua frente de vanguarda no esforço dos acadêmicos pela nova teorização do conhecimento arquitetônico.

II. As Nossas atuais fronteiras - Limiares

Ashraf Salama professor da Universidade de Qatar e pesquisador da North Carolina State University critica às metodologias tradicionais no sistema de atelier ou estúdio, no seu livro “*New Trends in Architectural Education: Designing the Design*” 1995 (que já está na terceira edição), trata da urgência de equilibrar o ato criativo necessário para a criação de ambientes sensíveis e as responsabilidades sociais e ambientais que devem ser incorporadas nesse ato; se propõe entender como o conhecimento é produzido, quais os componentes de tais conhecimentos são, e quais são os processos de aprendizagem e as práticas sociais que podem ser usados para transmiti-la pontua a necessidade de produção e reprodução do conhecimento arquitetônico (SALAMA . 1995) . Do mesmo autor, uma nova abordagem de discussão para o ensino de arquitetura “*Transformative Pedagogy in Architecture and Urbanism*” (SALAMA, 2009); onde aborda uma dura crítica a atual prática de ateliê de projeto ou abordagem estúdio. Esta abordagem conceitual, porém de cunho prático apresenta novas proposta de ensino onde o centro do processo pedagógico é o aluno, o passo a passo da construção do conhecimento é plástico e adaptado ao aluno, em ritmo, forma em fim abordagem.

Na mesma linha Jean Pierre Boutinet no seu livro “Antropologia do Projeto” (BOUTINET, 2002) aborda a cultura do projeto ou culturas de projeto da sociedade contemporânea. Apontando dentro

das diversas manifestações da atividade projetual os principais desvios de projeto, que para professores de atelier de projeto, projeto de arquitetura ou simplesmente de projeto são facilmente identificáveis.

Segundo ele (BOUTINET 2002).

- a) Existe o desvio da desilusão ou injunção paradoxal provenientes de profissionais em reconversão problemática, jovens mal escolarizados que arquitetam projetos que não poderão realizar;
- b) desvio da hipomania ou obsolescência do tempo, acúmulos de dossiês, plano diretor, plano condutor, plano executor;
- c) desvio do mimetismo ou cópia, mais ou menos impostas do exterior;
- d) desvio do narcisismo ou da autossuficiência pela negação do laço social;
- e) desvio da obsessão tecnicista que encerra o projeto rapidamente esboçado numa imposição de técnicas de elaboração e de operacionalização;
- f) o desvio totalitário ou assujeitamento tecnológico., o projeto é um conceito vago esse desvio ocorre toda vez que há uma recusa em tolerar uma variação entre concepção e realização;
- g) o desvio utópico ou autojustificativo, o projeto deixa de se apoiar em uma utopia concreta reguladora da ação, torna-se ele mesmo pura abstração e transforma-se em promessa.

Quando comparados os desvios de (BOUTINET 2002) às afirmações de SALAMA (2009) no Capítulo - A abordagem convencional para Prática de Ensino Estúdio – onde espelha o retrato da prática de ensino de projeto; é fácil reconhecer em ambas as posturas uma constante crítica à formação, diretamente ao ensino de projeto.

Por outro lado, as práticas pedagógicas no atelier de projeto não estão produzindo bons resultados de modo geral, pois a baliza para o produto final é artigos sobre Avaliação Pós Ocupação APO que apontam a queda na qualidade da produção arquitetônica atual (AIA).

Relembrando as análises de Elvan Silva (SILVA, 1986) e Corona Martinez (MARTINEZ, 2000) Eduardo Comas (COMAS 1986) constatamos que à décadas os professores das disciplinas de projetos vêm verificando dificuldades da inserção dos conteúdos arquitetônicos no formato atelier de projeto onde é privilegiado o modelo caixa preta e o modelo caixa de vidro. Vejo-me obrigada a abreviar a narrativa do longo esforço que os acadêmicos-teóricos viemos tecendo. Ao mesmo tempo se verifica a dificuldade de aplicabilidade de princípios pedagógicos tradicionais, como avaliação objetiva, programação aula a aula, que professores de projeto enfrentam com seus

interlocutores acadêmico-administrativos nas suas respectivas instituições de ensino, mas este tema assim como a discussão do currículo mínimo, pertence a outro marco referencial.

III O fluido cotidiano do paradigma “espaço-tempo”.

Analisar o ensino de projeto deve partir de uma unificação das prioridades na ação profissional, do papel do arquiteto; que está diretamente ligado à revisão filosófica do seu principal objeto de estudo. **O espaço.**

Nas novas tendências mundiais os paradigmas estão sendo reorganizados, e o espaço tem um significado e valor diferente do que há duas décadas; existe uma constante evolução ou mutação exponencial do conceito de espaço para as novas gerações. Os principais estudos provem do campo da comunicação pelas tecnologias das informações orém é evidente seu rebatimento no cotidiano como aponta o pesquisador Paúl Virilio. (VIRILIO 2008 In BROQUEN 2011 p10)

La aceleración del tiempo real, desemboca así en una verdadera alucinación de la realidad, desprendida de esas condiciones de posibilidad de la sensibilidad que son el espacio y el tiempo. Las percepciones del espacio y del tiempo, absorbidas, aplacadas y reducidas en esa tiranía del tiempo real, conducen el hombre a una verdadera ceguera.

Tal es la paradoja sobre la cual desemboca la celebración de la democracia de la emoción: en la descalificación progresiva de las sensaciones físicas que las motivan. La aceleración de las sensaciones y de las emociones, desertifica a fin de cuentas la emoción misma. La implementación del tacto a distancia, mediante la elaboración de la transmisión de sensaciones táctiles (que ya existe en varios juegos videos), constituye un ejemplo característico de esta tendencia. Pérdida de las sensaciones, devoradas estas por la transmisiones instantáneas de sensaciones virtuales, las emociones se virtualizan, perdiendo todo marco de referencia espacio-temporal. “Telescopio, endoscopio, fibroscopio... Con la pérdida del contacto físico, la pantalla de la TERMINAL anula el impacto de las emociones ayer compartidas.” (VIRILIO 2008 In. BROQUEN 2011 p10).

A aceleração do tempo real, atinge uma verdadeira alucinação da realidade desprovida das condições de “possibilidade e de sensibilidade” que são o espaço tempo. As percepções do espaço tempo, incorporadas, assentadas e reduzidas nessa tirania do tempo real conduzem o homem a uma verdadeira cegueira.

Tal é o paradoxo sobre o qual recai a celebração da “democracia da emoção” na sua desqualificação progressiva das sensações físicas que a motivaram. A aceleração das sensações e das emoções desertifica em fim de contas a própria emoção. A implementação do tato a distancia mediante a elaboração de transmissão de sensações táteis (que já existe em alguns jogos eletrônicos) é um exemplo característico desta tendência. Perdidas as sensações, estas devoradas pelas transmissões instantâneas de sensações virtuais, as emoções se virtualizam perdendo todo marco de referência espaço-temporal. Telescópio, endoscopia,

giroscópio. Com a perda do contato físico, a tela de um monitor anula o impacto das emoções outrora compartilhadas. (VIRILIO, tradução da autora)

Considerar o espaço no seu sentido de conexão/vínculo/lugar teoricamente é relativamente compreensível, conceber como esse novo conceito funciona na cabeça das novas gerações explicaria parcialmente o esvaziamento dos ateliês de projeto. O tempo concebido como transformação traz uma relatividade inexorável e incompreensível, para nós que convivemos com **processos lineares a tanto “tempo”**. Esses novos paradigmas devem apontar o novo modelo de sociedade que já está aqui pungente e que os sociólogos com suas análises estruturalistas ou do cotidiano das relações sociais, estão demorando a perceber. (SANTOS. 2002)

A observação apurada dos diálogos estudantis no sentido de mão dupla, assim como da dificuldade visceral de alguns “muitos” alunos na abstração ritualística projetual, é necessária e reveladora, assim como na Bauhaus a concepção transversal do ensino propiciou o avatar dos princípios arquitetônicos modernos na figura das gerações das décadas de 20, 30 e 40. Estamos hoje necessitados e carentes de paradigmas arquitetônicos filosóficos.

O tempo e o espaço não mais discutem não mais se relacionam; hierarquia, complementaridade, proporcionalidade nenhum destes princípios de relação biunívoca podem ser atribuídos aos dois, nas atuais condições, “eles sequer coexistem”. Uma observação apurada dos jovens estudantes de arquitetura (e de outros cursos também) nos proporciona a real dimensão do choque que estamos testemunhando, o “tempo” e o “espaço” não fazem sentido na nova concepção de mundo foram substituídos por “transformação” (tempo no sentido de estado) e “conexão” (espaço no sentido de vínculo, relações lugar).

Chamo a atenção (hoje mais a vontade do que há oito anos quando defendia minha dissertação) para o novo perfil de alunos, de jovens, de futuros arquitetos que ingressam nos cursos, eles pertencem à geração da “Declaração Barlow” ⁽¹⁾, Questões como hierarquia, autoridade, direitos autorais, limitações programáticas e físicas, estruturas dependentes; dentre outras tantas que implicam relações biunívocas, dialéticas entre elementos estruturantes do pensamento... Não fazem mais parte do repertório conceitual das novas gerações.

Um aluno pode sequer sonhar em abstrair uma relação dialética qualquer (pode nem saber o que é dialética), porém, está ausente nele o determinismo dialético dos saltos qualitativos e quantitativos, a sua relação com o mundo não tem a linearidade da condição histórica, a sua relação com o mundo é LIVRE, livre no sentido estrito da palavra, sem amarras, sem força gravitacional. Para nós esta condição é estonteante, para eles é a única conhecida e isso abre-lhes possibilidades inexploradas por falta de orientadores.

Segundo a percepção ambiental do espaço, a primeira experiência organizativa do homem com o seu território, é seu posicionamento individual através da lei da gravidade; ela nos ensina as direções “ascendentes descendentes” “esquerdo direito”, “à frente atrás”. Estes mesmos princípios rebatidos para o posicionamento social, apontam nos estudos de psico-sociologia as forças sociais de ordenança, o coletivo, experiência e o fato social. Ambas as teorias caem por terra perante a realidade virtual criada pela possibilidade da era da informação e as suas novas tecnologias.

Retomando a discussão, tempo e espaço como estruturas do pensamento hierárquicos, causal, processual “produtos e instrumentos” de uma ordem, não existem mais. Aliás, existem sim, nos processos arcaicos que convivem com a nova realidade (os nossos), assim como em países “não desenvolvidos” modelos de produção feudais são válidos pelas circunstâncias lamentáveis em que se encontram e/ou foram deixados. Más para os jovens não fazem mais sentido, o processo não é uma somatória de esforços, é uma mágica logarítmica evolutiva.

“Processar é uma ação que leva não mais que três segundos ou ele muda de site”

Ingressar nas cadeiras universitárias, muito mais do que o ensino médio, exige dos jovens futuros profissionais um choque, não à realidade como nós professores gostamos de afirmar e sim, um choque de dogmas e paradigmas; “um choque de ordem” literalmente, apresentando o “certo e errado”, a força gravitacional que o estacionará num papel determinado pelo mercado de trabalho. Muitos professores somos excelentes neste processo.

Porém, até agora é o aluno o principal objeto do processo ensino-aprendizagem, nas atuais condições da queda dos paradigmas da educação somos nós professores os principais obstáculos desta transformação do processo ensino-aprendizagem. Nós precisamos do choque de ordem, de ordem sem dialética, sem racionalidade, sem organização cartesiana.

Ferramentas indispensáveis dos novos conceitos filosóficos, que estão presentes na teoria da complexidade e nas teorias sistêmicas (MORIN 2000), são de uso cotidiano dos nossos alunos, o relativismo, a probabilística; não com essas palavras nem com uma intenção filosófica, mas nossos alunos compreendem muito mais de lógica Fuzzi e de Sistemas Complexos do que os pesquisadores; pelo menos as interiorizam com menor sofrimento.

Para o novo paradigma do espaço-tempo, sete exemplos da existência livre dos nossos jovens.

- (1) Não existe a ideia de que estruturas são estáveis (ou devem ser).
- (2) O tempo não é linear, ele “decorre” em ondas, com vazões e intensidades diferentes.
- (3) O espaço é delimitado por conexões relativas, por tanto abstratas e mutáveis.
- (4) Não a obrigatoriedade de hierarquia a autoridade não é uma personificação é um link momentâneo.

- (5) Programas não são associados ao “deve ser”, e sim ao “querer ser”. A solução pode ser momentânea.
- (6) Não á laços afetivos porque não há vínculo emocional todos os lugares podem e virão a ser não-lugares. Sem nostalgias nem saudades.
- (7) Não há centro, não há unidade de controle, o registro não faz sentido, pois somos uma globalidade.

O que mais nos incomoda, é que se quer há um esboço de drama existencialista. Nós interpretamos estes sinais como APATIA. Os Jovens se debatem na sua liberdade sem orientações, sem orientadores.

IV. O Avatar ⁽²⁾

Verdadeiramente não estamos prontos, sequer temos a intenção de descer do pódio imaginário para aproximar-nos à realidade dos nossos alunos, a final **“a realidade futura que pretendemos antecipar inovadoramente projetando”** está mais perto dos jovens, estamos em desvantagens no entendimento das necessidades das futuras gerações.

E é a partir da vocação antecipatória ou intencional do projeto que Boutinet aponta a raiz da atual crise das culturas de projeto, como a Pós-moderna. Para Boutinet ao nascer o conceito projeto na renascença, *“pretende gerir a complexidade das técnicas e dos ofícios e sua coordenação pela antecipação da execução”* (BOUTINET 2002 p37). Mas é no pós-Iluminismo que o projeto se desenha como o reconhecemos hoje:

“Fichte retoma e busca ampliar o trabalho de Kant, retendo desse no mínimo duas ideias: a recusa do dogmatismo e a descoberta da razão prática como fonte de liberdade.... A partir dessa dupla reflexão sobre atemporalidade e a intencionalidade Fichte chega à elaboração de sua filosofia do projeto.... A verdade do Eu como forma absoluta da intencionalidade é temporalidade, e essa asserção antecipadora de todo o pensamento fenomenológico, consciência de si e consciência do objeto estão associadas”. (BOUTINET 2002 p40).

Na sua análise Boutinet associa diretamente o Projeto à liberdade, “o Eu” e “o objeto” e “o desejo” “ou o desejado”. É curioso vir de encontro às conclusões do Taoísmo ⁽³⁾ onde a ausência do Eu, seria o fim do desejo. Para Boutinet o fim do projeto, intenção ou propósito. O Individualismo modernista, está presente na filosofia da liberdade, do desejo, do livre, “o aqui agora”, que foi difundida na década de 60 e 70, e antes de mutações econômico-consumo-marketing ,tinha uma base utópica, o projeto maior, projeto de mundo.

De fato para Sarte

“existir para a consciência e testemunhar o projeto original de seu próprio nada ... O projeto do Para-Si, enquanto superação para o futuro, aparece ao mesmo tempo como um projeto para o

Em-Si ...Essa coincidência impossível do Para-Si buscar coincidir com o Em-si faria do homem um Deus, pelo menos esse Deus cujas propriedades Descartes define como **Ens causa sui**. A impossibilidade de Deus corresponde a impossibilidade de uma tal coincidência"... (in BOUTINET 2002 p56)

Assim o projeto tem no seu conceito fundamental dois elementos inerentes ao projetar, "*principalmente no projeto arquitetônico, um criador personalizado, denominado arquiteto e um procedimento antecipativo consignado em materiais identificáveis (croquis esquemas, maquetes) etc.*" (BOUTINET 2002 p154) que encarnam respectivamente o "Eu" e o "Não- Eu", o "Observador e o objeto".

Para nós gerações da sociedade pós-industrial:

"O Projeto pode ser definido como conceito dotado de propriedades lógicas a serem explicitadas em suas conexões com a ação a ser conduzida. Mas ao mesmo tempo, o projeto aparece como figura que remete a um paradigma, simbolizando uma realidade que parece preexistir e escapar-nos: aquela de uma capa cidade a ser criada, de uma mudança a ser operada. O projeto seria então, o avatar individual e coletivo de um desejo primitivo de apropriação. Essa figura aparece constantemente como intermitente: toda realização do projeto se torna realidade e, portanto destruição da figura que ele encarna". (BOUTINET 2002 p27)

Avatar individual e coletivo, o projeto é o veículo para a materialização da nossa consciência divina, "o criar" (pretensamente do nada), o preexistir o transcender, todas condições de uma consciência histórica linear. O tempo hebraico da tradição cristã –ocidental (BOUTINET 2002) o tempo operacional. Para nossos "jovens complexos e livres" não há o desejo da transcendência, o avatar é um conceito espiritual, produto da nossa relação conflitante com o tempo; seus desejos não são da mesma matéria que são feitos nossos sonhos.

Para as futuras gerações o tempo não é um conflito, portanto o processo criativo não está revestido da áurea, ele é tão comum quanto às campanhas de marketing que acompanham diariamente na mídia. E se surpreende ao ver nossa reverência inocente a ações cotidianas, a nossa luta para obter de nós mesmos a liberdade tão natural para eles.

O que uma mente criativa da geração dominante não foi capaz de criar quando "liberta" de cânones e dogmas? (MORIN 2002) Por que não olhar as futuras gerações com esta potencialidade? Por que continuar reclamando o perfil dos nossos alunos?

Para o novo paradigma do espaço-tempo; sete julgamentos e equívocos dos professores:

- (1) Não é impossibilidade de abstração, é a irrelevância da mesma no contexto da informação.
- (2) Não é falta de conteúdo, é a falta de perspectiva da sua aplicabilidade.
- (3) Não é APATIA, é essa nova relação de valores de liberdade e relatividade.

- (4) Incompreensão do processo vertical (de um Atelier de Projeto) não há centralização não há hierarquia.
- (5) O Afeto está ligado ao querer, que é relativo: não momentâneo e sim conetivo, sem contato, sem conexão = sem relação.
- (6) Não é desconexão social, é desconhecimento da tríade sociedade – indivíduo-espécie, já que o discurso dominante não é coerente, é polifônico, ruídos de informação.
- (7) Não há um individualismo extremo (egocentrismo infantil) é uma postura lógica defensiva dentro do devaneio de incertezas como o mundo se apresenta.

V Considerações para hoje.

A não orientação de gerações jovens tem levado à humanidade ao desperdício de algumas décadas ou séculos de evolução civilizatória. Como portadores de uma consciência histórica linear, devemos estar lúcidos o suficiente para entender o momento em que nos encontramos. Entender a potencialidade desses jovens em atuações profissionais de processos criativos como arquitetura e designer.

Quais ações levaram a esta postura? Em 2003 após pesquisa sobre ensino de arquitetura e urbanismo na FAU-UFRJ chegava à conclusão que:

- (1) Em primeira instância cabe o reconhecimento do “Ambiente Construído” como o Objeto de Estudo do exercício arquitetônico e o reconhecimento do “Processo Projetual” como o fenômeno que atinge este objeto de estudo e que, diz respeito do profissional arquiteto urbanista.
- (2) O Conhecimento Arquitetônico deve ser legitimado e delimitado como causa e causante da atividade projetual arquitetônica. Entendendo o Conhecimento Arquitetônico como todo e qualquer conhecimento obtido a través da análise/produção/reprodução do fenômeno “processo projetual” no objeto “ambiente construído”.
- (3) É necessário adotar uma postura quanto ao currículo oculto que paira na prática do ensino de arquitetura e urbanismo e, oficializar a prática que adota o processo projetual como fim último da atividade arquitetônica.
- (4) O processo projetual deve ser encarado como uma atividade complexa que envolve: processos mentais, teoria de sistemas, processos programáticos, métodos de escolha, métodos de auto-avaliação e que, pela sua complexidade é totalmente dependente das práticas metodológicas, as que vem a ser definidas nas varias concepções de “Projeto Arquitetônico” adotadas em sala de aula.
- (5) Para garantir a constante renovação do conhecimento arquitetônico, não é suficiente adotar unificadamente uma concepção de “Projeto Arquitetônico” na prática acadêmica, mas é necessária uma fundamentação metodológica que eleve a prática acadêmica ao patamar da

análise processual. Que assumam a complexidade do processo projetual. (COLLADO, T.A.C. 2003 p164).

Oito anos depois verificamos que os resultados na formação profissional do arquiteto urbanista estão longe de uma adequação de conceitos às novas filosofias mundiais. Nossos alunos continuam com dificuldades de se adaptarem às doutrinas e dogmas, e o mercado continua ditando o perfil das nossas metas acadêmicas.

Em contrapartida os pesquisadores da área do ensino de arquitetura e projeto de arquitetura, continuamos explorando novas fronteiras. A Pesquisa do Prof. Paulo Afonso Rheingantz; “A Construção do Conhecimento no Atelier de Projeto de Arquitetura: Em Busca de uma Metodologia de Ensino Fundamentada no Paradigma da Complexidade”. Ao longo destes anos todos aponta:

As principais conclusões – ainda parciais – extraídas da avaliação final da disciplina por parte dos alunos e dos colaboradores que têm participado da experiência:

- a substituição estrutura tradicional da disciplina baseada em programas e conteúdos por uma estrutura baseada em estratégias pedagógicas confere à disciplina uma dinâmica rica e imprevisível onde cada aula transforma o caminho em uma aventura marcada pelos desafios da possibilidade;
- a orientação do professor transforma-se em pano de fundo para o desenrolar de um processo de aprendizagem cuja autonomia vai sendo conquistada diariamente pelos estudantes na razão direta do crescimento de sua auto-estima e do reconhecimento de seus conhecimentos prévios; estabelece-se uma cumplicidade de duplo sentido onde professor e alunos aprendem ao mesmo tempo em que ensinam durante o desenrolar da experiência – viver é conhecer;
- alimentado pelo exercício da curiosidade o aluno consegue dar um salto epistemológico ao longo do próprio processo de construção do conhecimento;
- a autonomia dos alunos e o incentivo à verbalização prévia das suas intenções seguida de sua comunicação oral e gráfica – o desenho, enquanto linguagem simbólica, torna-se o nível mais complexo de comunicação – confere novo significado às tomadas de decisão durante o processo projetual e à construção de seu argumento;
- a ênfase no trabalho em grupo¹⁹ em um ambiente de cooperação estimula a troca de experiências e confirma o pressuposto sócio-interacionista – o processo educativo acontece a partir do senso comum construído a partir das necessidades e motivações pessoais e da influência. (RHEINGANTZ 2011 p16)

A opinião de Rheingantz de que: “os bons arquitetos se formam apesar das escolas” (RHEINGANTZ p14) ; assim como da necessidade de arrolar práticas pedagógicas para o ensino de arquitetura. é compartilhada por outros pesquisadores da área de ensino.

Agrego a necessidade de arrolar a prática filosófica ao ensino de projeto arquitetônico, no sentido estrito da ação. Assim como na prática do ensino de projeto solicitamos aos alunos um “conceito norteador” das escolhas de soluções arquitetônicas no processo do projeto . Nós devemos também, apresentar um “Conceito filosófico” norteador das nossas escolhas do processo de ensino.

Este conceito filosófico deverá ser construído dentro da nova realidade da “liberdade extrema” das novas gerações de futuros arquitetos. As transformações ao processo de projeto que os novos conceitos de espaço-tempo acarretam estão sendo pesquisadas a fundo, esperamos aproximar-nos às conclusões em tempo hábil para elaborar um ensino de qualidade para o projeto de arquitetura.

Devemos estar lúcidos para revelar-nos, mesmo que intimamente, nossa incapacidade de diálogo com os grupos de jovens que não se adequam aos padrões e dogmas; para trazer a tona nos “Atelieres de Projeto” conhecimento participativo, construção do conhecimento, pedagogia transformativa, o apenas o convívio e aprendizado exploratório, descobrir o avatar do projeto arquitetônico, enfim a almejada autonomia de Freire.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BOUTINET. J.P. *Antropologia do Projeto*. Porto Alegre: Artmed. 2002

COMAS, Carlos Eduardo (org). *Projeto Arquitetônico – disciplina em crise, disciplina em renovação*. São Paulo: Projeto Editores/CNPq, 1986.

COLLADO, T.A.C. *Bases para a Construção de um Marco Referencial para o Ensino de Arquitetura na FAU/ UFRJ*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Março 2003.

MARTINEZ. A. C. *Ensaio sobre o projeto*. Brasília: Editora UnB. 2000.

MORIN.E. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. Cortez Editora: São Paulo. SP. 2001.

_____ *A Cabeça bem Feita ; repensar a reforma reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

RHEINGANTZ, P.A. *Por uma arquitetura da Autonomia: Bases para renovar a pedagogia do Atelier de Projeto de Arquitetura*. Arqtexto. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em http://www.fau.ufrj.br/prologar/arq_pdf/diversos/arqtexto6_arquit_autonomia.pdf acessado em 21 de Agosto 2011

SALAMA. A. M. *Transformative Pedagogy in Architecture and Urbanism*. Solinen: Umbau Verlag. 2009.

SALAMA. A.M. *New Trends in Architectural Education: Designing the Design*. North Carolina: N.C. State University. 1995.

SANTOS. B.S. *Pela mão de Alice – O social e o político*. São Paulo: Editora Cortez. 2002

SILVA. E. *Sobre a renovação do conceito de projeto arquitetônico e sua didática*. In COMAS, Carlos Eduardo (org). *Projeto Arquitetônico – disciplina em crise, disciplina em renovação*. São Paulo: Projeto Editores/CNPq, 1986.

VIRILIO, P *Ciudad Pánico. El afuera comienza aquí*. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana. 2008.
In. _ BROQUEN, X.G. *Un ahora desprovisto de aquí. Paul Virilio y la transformación del tiempo y del espacio en la era de la información” en Ciudad Pánico. El afuera comienza aquí* .Retirada de RAZÓN Y PALABRA Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación. Nº 75 Fevereiro- Abril - 2011 disponível em http://www.razonypalabra.org.mx/N/N75/monotematico_75/20_Gonzalez_M75.pdf acessada 30 de agosto 2011.

Notas

(1) Declaração Barlow:

Governos do Mundo Industrial, vocês gigantes aborrecidos de carne e aço, eu venho do espaço cibernético, o novo lar da Mente. Em nome do futuro, eu peço a vocês do passado que nos deixem em paz. Vocês não são bem-vindos entre nós. Vocês não têm a independência que nos une.

Os governos derivam seu justo poder a partir do consenso dos governados. Vocês não solicitaram ou receberam os nossos. Não convidamos vocês. Vocês não vêm do espaço cibernético, o novo lar da Mente.

Não temos governos eleitos, nem mesmo é provável que tenhamos um, então eu me dirijo a vocês sem autoridade maior do que aquela com a qual a liberdade por si só sempre se manifesta.

Eu declaro o espaço social global aquele que estamos construindo para ser naturalmente independente das tiranias que vocês tentam nos impor. Vocês não têm direito moral de nos impor regras, nem ao menos de possuir métodos de coação a que tenhamos real razão para temer.

Vocês não nos conhecem, muito menos conhecem nosso mundo. O espaço cibernético não se limita a suas fronteiras. Não pensem que vocês podem construí-lo, como se fosse um projeto de construção pública. Vocês não podem. Isso é um ato da natureza e cresce por si próprio por meio de nossas ações coletivas.

Vocês não se engajaram em nossa grande e aglomerada conversa, e também não criaram a riqueza de nossa reunião de mercados. Vocês não conhecem nossa cultura, nossos códigos éticos ou falados que já proveram nossa sociedade com mais ordem do que se fosse obtido por meio de qualquer das suas imposições.

Vocês alegam que existem problemas entre nós que somente vocês podem solucionar. Vocês usam essa alegação como uma desculpa para invadir nossos distritos. Muitos desses problemas não existem. Onde existirem conflitos reais, onde existirem erros, iremos identificá-los e resolvê-los por nossos próprios meios.

Estamos formando nosso próprio Contrato Social. Essa maneira de governar surgirá de acordo com as condições do nosso mundo, não do seu. Nosso mundo é diferente.

O espaço cibernético consiste em ideias, transações e relacionamentos próprios, tabelados como uma onda parada na rede das nossas comunicações.

Nosso é um mundo que está ao mesmo tempo em todos os lugares e em nenhum lugar, mas não é onde pessoas vivem.

Estamos criando um mundo que todos poderão entrar sem privilégios ou preconceitos de acordo com a raça, poder econômico, força militar ou lugar de nascimento.

Estamos criando um mundo onde qualquer um em qualquer lugar poderá expressar suas opiniões, não importando quão singular, sem temer que seja coagido ao silêncio ou conformidade.

Seus conceitos legais sobre propriedade, expressão, identidade, movimento e contexto não se aplicam a nós. Eles são baseados na matéria. Não há nenhuma matéria aqui.

Nossas identidades não possuem corpos, então, diferente de vocês, não podemos obter ordem por meio da coerção física. Acreditamos que a partir da ética, compreensivelmente interesse próprio de nossa comunidade, nossa maneira de governar surgirá. Nossas identidades poderão ser distribuídas através de muitas de suas jurisdições.

A única lei que todas as nossas culturas constituídas iriam reconhecer é o Código Dourado. Esperamos que sejamos capazes de construir nossas próprias soluções sobre este fundamento. Mas não podemos aceitar soluções que vocês estão tentando nos impor.

Nos Estados Unidos vocês estão criando uma lei, o Ato de Reforma das Telecomunicações, que repudia sua própria Constituição e insulta os sonhos de Jefferson, Washington, Mill, Madison, deTocqueville and Brandeis. Esses sonhos precisam nascer agora de novo dentro de nós.

Vocês estão apavorados com suas próprias crianças, já que elas nasceram num mundo onde vocês serão sempre imigrantes. Porque têm medo delas, vocês incumbem suas burocracias com responsabilidades paternais, já que são covardes demais para se confrontarem consigo mesmos.

Em nosso mundo, todos os sentimentos e expressões de humanidade, desde os mais humilhantes até os mais angelicais, são parte de um todo descosturado; a conversa global de bits. Não podemos separar o ar que sufoca daquele no qual as asas batem.

Na China, Alemanha, França, Rússia, Singapura, Itália e Estados Unidos, vocês estão tentando repelir o vírus da liberdade, erguendo postos de guarda nas fronteiras do espaço cibernético. Isso pode manter afastado o contágio por um curto espaço de tempo, mas não irá funcionar num mundo que brevemente será coberto pela mídia baseada em bits.

Sua indústria da informação cada vez mais obsoleta poderia perpetuar por meio de proposições de leis na América e em qualquer outro lugar que clamam por nosso próprio discurso pelo mundo. Essas leis iriam declarar idéias para serem um outro tipo de produto industrial, não mais nobre do que um porco de ferro. Em nosso mundo, qualquer coisa que a mente humana crie, pode ser reproduzida e distribuída infinitamente sem nenhum custo. O meio de transporte global do pensamento não mais exige suas fábricas para se consumir.

Essas medidas cada vez mais coloniais e hostis os colocam na mesma posição daqueles antigos amantes da liberdade e auto-determinação que tiveram de rejeitar a autoridade dos poderes distantes e desinformados.

Precisamos nos declarar virtualmente imunes de sua soberania, mesmo se continuarmos a consentir suas regras sobre nós. Nos espalharemos pelo mundo para que ninguém consiga aprisionar nossos pensamentos.

Criaremos a civilização da Mente no espaço cibernético. Ela poderá ser mais humana e justa do que o mundo que vocês governantes fizeram antes.

Davos, Suíça 8 de fevereiro de 1996

(2) Avatar é uma manifestação corporal de um ser imortal segundo a religião hindu, por vezes até do Ser Supremo. Deriva do sânscrito Avatāra, que significa "descida", normalmente denotando uma (religião) encarnações de Vishnu (tais como Krishna), que muitos hinduístas reverenciam como divindade. Muitos não-hindus, por extensão, usam o termo para denotar as encarnações de divindades em outras religiões

(3) Taoísmo- Corrente filosófica recentemente muito difundida pelas associações feitas entre essa filosofia milenar e conceitos fundamentais da Física quântica. Frijot Capra "O Tao da física".